

634. ou guerra ou destituição de Trump 11.1.26

11 jan.^º

Se ainda havia esperança de vida inteligente na terra, tal ideia parece ter-se dissipado quando alguém (açoriano) comenta na página dum corvino (Fernando A Pimentel):

"Manter esta ilhota habitada tem um custo enorme para a Região. Devia ser despovoada, entregue à Natureza e à vida selvagem."

O Corvo é habitado porque há pessoas que lá nasceram, lá vivem, lá trabalham e lá constroem futuro. Pessoas que têm tanto DIREITO (palavra-chave) à sua terra como qualquer açoriano tem à sua. Reduzir isso a "custo" é desumanizar a Região. Já em tempos um deputado alvitrou o mesmo, mas não era açoriano. Se se pensasse assim, o melhor era irmos todos embora já, no continente fechava-se a maior parte do país que ficaria limitado às 3 ou 4 maiores cidades e o resto seria paisagem.

Já vi o boletim de voto presidencial e embora lá estejam 14 marmanjos (perdão 13+uma) apenas 11 podem concorrer. Nem sei a razão pela qual a maior parte deles ali está (deve haver benefícios fiscais ou outros) pois nem para presidente do café da esquina seriam escolhidos. Haverá 4 ou 5 com alguma hipótese, os restantes são verbos de encher.

Nunca me senti tão predisposto a votar em branco, pois não gosto de nenhum destes marmanjos. Aliás, nos últimos anos em eleições autárquicas e legislativas tenho, uma dificuldade crescente em escolher o totobola 1x2. Faz parte da minha crescente desilusão política e o desencanto pelo que o 25 de abril prometeu e não deu.

Nem na Austrália, nem em Portugal nunca acertei nos que votei, nunca nenhum ganhou, pelo que se votar Ventura ele não ganha, de certeza. Mas confesso que me arrepia só de pensar que ia estragar um voto dessa maneira. Curiosamente, a maior parte dos candidatos faz promessas que nunca poderá cumprir, pois o Presidente não tem poderes para tal, ou seja, um mau começo, desconhecerem os poderes que têm, o que os pode aproximar de Trump mais do que imaginam.



Nos EUA andam preocupados com os legalismos de uma decisão presidencial sobre a anexação dum país da NATO / OTAN:

O que acontece se o presidente dos Estados Unidos quiser anexar um país da OTAN? Imagine as manchetes «Presidente dos EUA ordena invasão do Canadá» ou «vai anexar a Islândia». Quais seriam os custos e consequências legais reais se o homem mais poderoso do mundo decidisse virar as armas contra os seus próprios aliados? As forças armadas obedeceriam? O Congresso interviria?

1. Primeiro: motim no Pentágono (a consequência lógica). Antes mesmo de chegar aos tribunais, a lei chega à "Sala de Situação".

Embora o presidente seja o comandante-chefe, as Forças Armadas dos EUA não são o exército privado do presidente. De acordo com o Código Uniforme de Justiça Militar (UCMJ), soldados e oficiais têm o dever de obedecer às ordens, mas também têm o dever de repelir ordens ilegais. A anexação de um país da OTAN seria uma violação de:

Direito internacional (Tratado das Nações Unidas). + Direito americano: A Constituição dos EUA define os tratados assinados (como o tratado da OTAN) como a «Lei Suprema do País».

Portanto, os custos legais para as forças armadas seriam enormes se elas obedecessem. Os generais se declarariam culpados de crimes de guerra. Resultado: o Pentágono provavelmente negaria a ordem. Estariam numa situação que tecnicamente se assemelha a um motim, mas legalmente é uma manutenção da Constituição.

2. A 25.^º Emenda Constitucional: O «travão de emergência» rápido. Se um presidente sugerir seriamente invadir um aliado, a maior parte de Washington chegará a uma conclusão: o homem perdeu a cabeça. Aí entra em jogo a 25.^º Emenda Constitucional (Secção 4). Ela foi concebida para situações em que o presidente está «incapaz de manter os seus poderes». O processo: o vice-presidente e a maioria do governo (gabinete) assinam uma declaração de que o presidente está incapacitado, perde o poder imediatamente e o vice-presidente assume como presidente interino. Esta é a solução «mais barata» em termos de tempo, pois pode ser executada em poucas horas para impedir uma ordem maluca.

3. O caso de impeachment: a lei definitiva. Se o presidente insistir que está no seu perfeito juízo e que apenas quer expandir o território dos Estados Unidos pela força, então entra em ação a artilharia pesada: o impeachment (destituição). Atacar um aliado se enquadra na categoria «crimes graves e contravenções» (crimes graves e contravenções) — especificamente abuso de poder e violação de tratados constitucionais. Impeachment (Câmara dos Representantes): a Câmara dos Deputados provavelmente levantaria o impeachment em tempo recorde. O veredito (Senado / Câmara Alta): aqui entram em cena os famosos 67 votos. Como discutimos, é necessária uma maioria de 2/3 no Senado para destituir o presidente. Num cenário em que os Estados Unidos estão prestes a iniciar uma guerra contra a OTAN, a pressão política será tão grande que até mesmo o próprio partido do presidente provavelmente votaria pela sua destituição para salvar a segurança da nação.

Conclusão: o sistema é (espero) à prova de balas. Um presidente que ordena a anexação de um país da OTAN está a cometer suicídio político. Os custos legais não são apenas os honorários dos advogados; é a perda do cargo, de um legado e uma potencial pena de prisão. O sistema dos EUA é construído com «freios e contrapesos» precisamente para evitar que a insanidade de uma pessoa se torne o fim do mundo inteiro. Os militares diriam não. O gabinete diria para parar. E o Congresso destituiria-lo.

Donald Trump disse que a Gronelândia não é dona da terra «só porque desembarcaram um barco lá há 500 anos» e o medidor de ironia simplesmente explodiu. Assim, pela mesma bitola Trump e todos os descendentes de europeus que arribaram nos EUA deixariam de ser “donos da terra” e os povos nativos podem reclamar o seu direito de posse. Depois, Trump disse estar indeciso entre tomar a Gronelândia ou abandonar a NATO.

Já me tinha vindo à mente se a morte em Minneapolis não teria chauvinismo misturado por se tratar de um casal de lésbicas. Ontem, Tod Alcott veio confirmar esse meu pensamento:

Fiquei intrigado por um momento sobre por que o DHS divulgaria a filmagem do telemóvel do ponto de vista do assassino, já que ela mostra claramente que o assassino não corria nenhum perigo por parte da vítima. Então percebi que, para eles, o vídeo inocenta completamente o assassino, porque a vítima zombou dele, zombou da sua autoridade, não levou a sério a sua fantasia fascista. Então ele atirou no rosto dela, três vezes. Isso lhe ensinaria uma lição. Ele viu que ela era queer, viu a sua esposa, não suportou ser ridicularizado por alguém tão inferior a si mesmo, então atirou três vezes no rosto dela e a chamou de «cadela maldita» enquanto se afastava do veículo, que agora descia a rua com uma mulher morta ao volante.

É isso que quero dizer quando digo que o ICE é o punho de Trump contra os cidadãos que ele despreza. Um dos principais fundamentos do movimento cristão fascista é que as mulheres conheçam o seu lugar, respeitem os seus maridos, não respondam e não se intrometam nos assuntos dos homens. Essa é a mensagem que o DHS enviou ao divulgar o vídeo, e é por isso que eles reforçaram, repetidamente, a narrativa de que «ele foi ameaçado»: porque, para eles, ele FOI ameaçado, porque havia uma mulher à sua frente que não precisava de um homem, não queria um homem, não o respeitava como homem e zombava da sua autoridade como homem.

Para Trump e os seus capangas, este é o assassinato perfeito, uma oportunidade para demonstrar os seus princípios fundamentais e a sua abordagem à lei: o homem está certo, a mulher está errada e a pena por responder é a morte. Eles divulgaram o vídeo para dizer a todas as mulheres americanas que é isso que se ganha por desrespeitar a ordem natural do universo.

Dito isto, por vezes, sinto mesmo vontade de sair de casa e ir à minha procura, a ver se me encontro e com isso, uma razão para andar por cá. Isto faz recordar aquela cena turca em 2021:

Em setembro de 2021, ocorreu na Turquia o caso de desaparecimento mais surreal da história. Beyhan Mutlu, de 50 anos, estava a beber com amigos quando decidiu ir para a floresta. Não voltou ao fim de horas, a família temeu o pior e a polícia montou uma operação de busca noturna. Mutlu, que continuava vagueando pela floresta meio “alegre” e desorientado, encontrou o grupo de resgate. Sem saber o que estava acontecendo, juntou-se à busca. Durante horas, andou com a polícia e os vizinhos, procurando o “pobre desaparecido”. Quando os socorristas frustrados começaram a gritar o nome: “Beyhan Mutlu! Beyhan!” n sai da fila, confuso, e perguntou quem estavam procurando. Ao dizer-lhe que procuravam Beyhan Mutlu, respondeu com a frase que deu a volta ao mundo: — “Estou aqui”. Os voluntários ficaram congelados quando descobriram que o desaparecido tinha ajudado nas buscas. A polícia anotou o seu depoimento, cancelou as buscas e acompanhou-o a casa (provavelmente segurando a risada). Mutlu esclareceu que não foi uma brincadeira, mas uma confusão genuína: ele só queria ajudar.



O norte da europa sofre nevoes e frios polares. Aqui, o clima, tal como o mundo, continua numa onda cinzenta, fria (11-15 °C) e chuvosa (98% de humidade), dia após dia, como não me lembro em idênticos meses nos anos transatos. Nada disto ajuda para quem, como eu, depende do sol a brilhar, para a minha função clorofila alimentar as células (também cinzentas) do cérebro, Não chego a ficar deprimido nem deprimido mas ando lá perto. Fico abatido, desalentado, desanimado, enfraquecido, desencorajado, oprimido!

A clorofila e a hemoglobina são moléculas diferentes em função, mas parecidas em estrutura, o que chama a atenção de cientistas há décadas. Ambas possuem um anel orgânico complexo chamado porfirina, responsável por capturar e transferir energia. Na hemoglobina, essa estrutura envolve um átomo de ferro no centro que se liga ao oxigénio nos pulmões e o transporta pelo sangue, além de dar ao sangue a coloração vermelha característica. Já na clorofila, o mesmo tipo de anel abriga um átomo de magnésio, que permite à planta absorver a luz do Sol e iniciar o processo da fotossíntese. Apesar de desempenharem funções opostas, uma ligada à produção de energia nas plantas e a outra ao transporte de oxigénio nos animais, as duas moléculas compartilham uma origem bioquímica antiga, resultado de processos evolutivos primitivos da vida na Terra. Essa semelhança estrutural ajuda a explicar algo poético e científico ao mesmo tempo: a vida vegetal e a vida animal estão profundamente conectadas. As plantas usam a clorofila para produzir oxigénio e alimento, e os animais dependem da hemoglobina para usar esse oxigénio e manter o corpo funcionando. É um ciclo perfeito, sustentado por moléculas quase irmãs.

Há sempre esperança para os criminosos mais procurados mas, por vezes, a sua sorte acaba. Após duas décadas fugido da justiça, Antonio Riano, o “El Diablo”, foi capturado em agosto de 2024. Encabeçava a lista dos mais procurados de Ohio desde 2004, acusado do assassinato de Benjamin Becarra. Era polícia em Zapotitlán Palmas sob uma identidade falsa. A farsa foi desmontada por uma investigação que cruzou dados de redes sociais com o apoio da polícia mexicana, culminando na extradição do criminoso para os EUA. Riano aguarda julgamento por múltiplos homicídios, preso preventivamente e sem qualquer possibilidade de fiança.

No Irão continuam os protestos com mais de cinco centenas de mortos e milhares detidos pelas manifs contra a cúpula religiosa que há décadas escraviza o país. A vaga de manifestações em quase todo o país contra a teocracia iraniana começou há duas semanas, a 28 de dezembro. Para acalmar os protestos, o presidente, Masoud Pezeshkian, prometeu uma reforma económica. Dirigiu-se também aos Estados Unidos e a Israel, acusando os dois países de fomentarem a desordem. Já o presidente do Parlamento iraniano, Mohammad Bagher Qalibaf, diz que os protestos estão a gerar um forte instabilidade e que a segurança deve ser restaurada rapidamente. As autoridades desligaram a Internet e o sinal de telemóveis em todo o país, na sequência de uma grande manifestação em Teerão e depois de terem sido publicados nas redes sociais vídeos que mostravam uma multidão em protesto.

Há quem acredite que a guerra civil nos Estados Unidos não é apenas uma possibilidade futura - que, de certa forma, já começou. Não há trincheiras nem declarações formais, mas leis, decretos e forças de segurança a marcar o terreno. O mais inquietante é que, neste confronto silencioso, só um dos lados tem poder e armas. As políticas de imigração e a perseguição legal promovidas por Trump vão muito além da burocracia do Estado. Tornaram-se ferramentas claras de divisão social. Criam a figura de um "inimigo interno": pessoas migrantes, pobres e racializadas, colocadas numa situação permanente de medo e fragilidade. Não se trata apenas de controlar fronteiras, mas de decidir quem merece direitos, proteção e um lugar legítimo na sociedade. A história ajuda-nos a perceber que nada disto é novo. Antes da guerra civil do século XIX, os EUA já estavam profundamente divididos por desigualdades extremas, pela desumanização de comunidades inteiras e pela aceitação da violência estrutural como algo normal. A guerra não começou com tiros, mas com leis injustas, discursos morais convenientes e a defesa de privilégios através da exclusão. O confronto armado foi o fim do processo, não o seu início.

Hoje, os paralelos são difíceis de ignorar. A marginalização deliberada das comunidades migrantes, o ataque aos direitos laborais, a criminalização da pobreza e a normalização de uma nova forma de "escravatura social" - sem correntes visíveis, mas sustentada pelo medo, pela precariedade e pela ameaça constante da deportação — revelam uma sociedade a romper por dentro. Quando o próprio Estado usa a lei como arma contra parte da sua população, o conflito deixa de ser uma teoria. Torna-se uma realidade diária para quem não tem voz nem meios para se defender. A guerra civil moderna não precisa de campos de batalha: basta um sistema que decide quem conta como cidadão e quem pode ser descartado.

Não me interessa por imobiliário, exceto como motivo de conversação, nunca tive grandes desejos de possuir uma habitação, fosse apartamento ou vivenda ou cabana. Entendo que o imobiliário português, de fracos acabamentos e péssima insulação ao longo de décadas da minha vida, continua sobrevalorizado. Espanta-me a loucura de preços aqui nos Açores (S Miguel) sobremodo em PDL, mas quando vejo pedirem meio milhão (de euros) por casas aqui na Lomba da Maia dou gargalhadas. Com a caricata qualidade da ridícula construção aqui nestes meios rurais o que se pede deve ser apenas entendido como piada, quando, como hoje, vejo anunciadas casas em Bali (Indonésia) um loft de 1 quarto com piscina por 59 mil dólares, ou um T3 por 225 mil. Vendo o tipo de habitação e construção nem se hesitaria em ir para Bali (e o clima melhor que São Miguel, visitem <https://www.facebook.com/houserentingbali>). A dificuldade ali seria a de escolher tipo de casa e zona habitacional.

Há em todo o mundo aldeias inteiras à venda, imensas na Galiza. Uma Aldeia galega perto da fronteira à venda por 160.000 euros, e custa menos que um apartamento em Lisboa, Porto, Madrid ou Barcelona. Por 160.000 euros, uma pessoa poderá desfrutar deste conjunto de três casas construídas há mais de um século na localidade de Trabada, pertencente à região da Mariña Oriental (Lugo). Uma alternativa ainda mais económica é a pequena aldeia de Ollolai na Sardenha. Ollolai é uma pacata aldeia montanhosa na Sardenha, famosa por vender casas por apenas 1 euro para atrair novos residentes e revitalizar a vida local. Um lugar onde tradição, simplicidade e um novo começo se unem.

Deu imenso prazer ter cá a Bé e as netas, por uns poucos dias e espero que possam repetir esse feito em 2026, em especial agora que o João emigrou para outra ilha. De qualquer modo nestes últimos meses, aprendi a gostar de estar só no meu castelo da Lomba da Maia (como lhe chamava Daniel de Sá), aprendi a gostar da minha companhia e da cadela Leoa que me segue por todos os cantos da casa. Claro que é uma vida mais monótona e sem alegria do que quando a partilhava com a minha querida Nini, uma casa mais silenciosa e fria sem o calor duma pintura de Renoir.

Assim, prestes a completarem-se dois anos sobre a sua saída da cena física palpável, a Nini continua a ser a musa, a companheira, que me guia e conduz. A diferença é que não me censura, o que, sendo bom, por dizer o que penso e sinto, pode ser mau no campo das relações humanas.

E aqui continuarei até que me possa tornar a reunir com ela noutro plano, ou mundo paralelo